

Mantendo o Trabalho de Marshall Rosenberg Vivo (por Rachel Lamb)

(Original em inglês disponível em <http://www.rachellelamb.com/blog/keeping-marshall-rosenbergs-work-alive>)

Uma das coisas que se destacaram para mim nas vezes em que ouvi o visionário, professor e escritor Marshall Rosenberg falar, era como ele embasava a maior parte do que dizia num contexto sócio-cultural mais amplo. Mesmo quando ele se engajava em dinâmicas focadas nos desafios em relações interpessoais com voluntários que assistiam a seus eventos, podíamos reconhecer uma paisagem mais ampla informando suas respostas. Sua preocupação não era somente com os sucessos interpessoais que as pessoas poderiam experimentar ao aprenderem o processo da Comunicação Não-Violenta, mas, igualmente e, talvez, principalmente, com os questionáveis méritos do serviço à vida prestado pelas estruturas sistêmicas que formatam e dirigem nossas vidas. Isso nunca ficava de fora. Durante seus workshops, ele regularmente fazia afirmações como:

- Somos educados pela cultura para termos prazer na violência.
- Somos educados para jogar o jogo do “quem está certo”.
- Quando as pessoas vivem em sistemas de dominação, elas aprendem o pensamento de dominação.
- Somos educados para esquecer nosso modo de ser natural.
- Fomos educados para pensar de uma forma que transforma as pessoas em inimigas.
- O mais perigoso de todos os comportamentos talvez consista em fazer coisas porque temos que fazê-las.
- Como o escritor Neil Postman diz, todo mundo precisa de um bom detector de bobagens.
- Você consegue pensar num conceito mais diabólico do que usar a punição como um meio para educar pessoas?
- Eu tenho um doutorado em alienação, sou um chagal profissional (referindo-se a seu PhD em Psicologia Clínica).
- Leiam o livro de John Talor Gatto, “The Hidden Curriculum of Compulsory Schooling” [O Currículo Oculto da Escolarização Compulsória].
- O único propósito que vejo nas notas é manter um sistema de castas em nossa sociedade e disfarça-lo como meritocracia ou democracia.
- Escolho não participar em um esquema de avaliação que faz diferenças com base na raça ou na cor.
- Pesquisas mostram que, quanto mais notas são dadas, mais os alunos pedem perspectiva em relação àquilo que estão aprendendo. Então, eles aprendem não pelo valor do que estão aprendendo, mas pelas recompensas extrínsecas.
- O propósito de uma cultura chagal (ou seja, alienadora da vida) é tornar as pessoa acostumadas a trabalhar em troca de recompensas extrínsecas, como um salário, para que elas sejam capazes de poluir o ambiente ou fazer qualquer outra coisa, desde que o chefe diga

a elas para fazê-lo, e receber sua recompensa. Então, é para isso que queremos treiná-las nas escolas.

- Eu comparo a maioria das escolas com cumprir uma “pena leve” na prisão.
- As pessoas não se tornam boas escravas quando estão conectadas com a vida. É por isso que, nas escolas públicas, o principal objetivo é a obediência à autoridade.
- Quando eu estava na escola, meus professores me diziam que, um dia, eu ficaria feliz por tê-la frequentado. Bom, estou perto dos 70 anos e ainda estou esperando.
- Leia o trabalho da antropóloga Rugh Benedict, cuja pesquisa diz que nem todas as culturas são culturas de dominação.
- Leia o trabalho do teólogo Walter Wink. Em “Powers That Be” [Poderes que São], ele afirma que a violência tem sido a norma social por vários milênios, durante os quais humanos vem sido oprimidos e treinados para servir e manter sistemas de dominação.
- O consumismo faz as pessoas pensarem que suas necessidades serão atendidas ao possuírem um determinado item.
- Eu venho jogando o jogo Deus Castiga por vários séculos.
- Leia “Punished by Rewards” [Punidos por Recompensas] para ver como treinamos as crianças para se tornarem cúmplices dos sistemas de dominação.
- Leia o livro de Riane Eisler “O Cálice e a Espada” para aprender sobre o que a história nos ensina sobre pessoas vivendo em harmonia entre elas e com a terra.
- Gene Sharp escreveu um artigo maravilhoso chamado “198 Aplicações da Força Não-Violenta”. Ele mostra como, através da história, a não-violência tem sido usada para prevenir contra a violência e para proteger, e não punir.
- Ao invés de educarmos pessoas para se tornarem conscientes de suas necessidades, nós as ensinamos a se tornarem viciadas em estratégias ineficazes para atendê-las.
- Nunca pague por nada e nunca cobre por nada. Transforme o conceito de valor... tire da sua cabeça a ideia de que as coisas valem uma certa quantidade de dinheiro.

Estas afirmações (algumas da minha memória e outras de transcrições ou vídeos) representam apenas uma pequena amostra das muitas referências que Rosenberg fez tanto à educação, quanto à cultura. Elas revelam o pensamento de um visionário e crítico social, encorajando seus ouvintes a considerarem o impacto desumanizante que os valores da cultura dominante tiveram e continuam tendo sobre os seres humanos, sobre a cultura humana e sobre a própria vida. Ele sugere fortemente que a cultura leva as pessoas a agirem de formas que são tragicamente alienadoras e que enfraquecem a natureza humana.

“Quais condições, tanto externas quanto internas, interferem com a capacidade natural das pessoas de se conectarem com a vida e de responderem com humanidade nos momentos desafiadores?”

Pode-se dizer que a pergunta de Rosenberg é menos “como as pessoas podem ser mais compassivas?” e mais “quais condições, tanto externas quanto internas, interferem com a capacidade natural das pessoas de se conectarem com a vida e de responderem com humanidade nos momentos desafiadores?” Estas duas perguntas podem parecer quase

idênticas a uma primeira vista, mas elas tendem a provocar respostas diferentes e render resultados diversos. A primeira pergunta, tipicamente, irá direcionar o olhar das pessoas para dentro, para buscarmos modos de aumentar sua capacidade de responder compassivamente. A compreensão é de que o trabalho pessoal, psicológico ou espiritual irá render o resultado desejado. Por exemplo, a moda hoje em dia é ensinar meditação como uma prática para ajudar as pessoas a se tornarem mais compassivas. Também está na moda recorrer a pesquisas científicas sobre o cérebro humano para ver quais os fatores neurológicos que podem estar inibindo a compaixão.

Ainda que estas abordagens ofereçam benefícios, seu foco no indivíduo não aborda as questões sistêmicas mais amplas às quais Marshall repetidamente se referia. Por si mesmo, o fato de que as pessoas aprendem a gerenciar e diminuir seus impulsos reativos durante momentos estressantes promove pouca mudança nos efeitos desumanizantes da cultura. Ele meramente nos torna menos reativos e mais acomodados. Pode ser isso, na realidade, o que a “máquina sistêmica” quer... que as pessoas aprendam a se consolar no meio de um regime crescentemente desumanizador.

A segunda pergunta, por outro lado, dirige a atenção para a humanidade questionável das estruturas sistêmicas que informam nossas vidas. É, na verdade, uma questão muito mais difícil, dada a longevidade e a estabilidade dessas estruturas, assim como o fato de que a maioria de nós nasceu dentro delas e não sofreu visivelmente como resultado, ou, ao menos, não de uma forma imediatamente reconhecível por nós. Não apenas isso, mas nós também nos beneficiamos de várias formas daquilo que estas estruturas disponibilizam para nós.

Tome como exemplo o advento dos smartphones. É comum ver famílias jantando em casa ou em restaurantes, enquanto as crianças acima de 5 anos estão singularmente focadas nas suas telas portáteis, enquanto seus pais conversam entre si ou também estão envolvidos com seus dispositivos. Ninguém sentado à essa mesa está “sofrendo” propriamente e, ainda assim, estão todos conectados a uma narrativa sócio-cultural que foi criada muito menos por eles do que pelas corporações tecnológicas, com o objetivo de lucro.

A maneira como as famílias se reúnem em torno das mesas comunais hoje em dia está longe de ser benigna. As consequências de sermos mais cativados por um frio aparelho sem fio do que pela conversa do semelhante sentado ao nosso lado é vista por alguns especialistas em psicologia e sociologia como tendo consequências catastróficas ao longo do tempo. O aparelho que foi desenhado para satisfazer necessidades de conexão, ironicamente, falha miseravelmente em satisfazer essa necessidade... ao menos a longo prazo.

Eu ressalto este cenário, tão comum a nosso mundo tecnológico, porque é difícil contemplar as consequências de longo prazo das conveniências e prazeres que são tão imediatamente satisfeitos. Pelo que podemos ver, nenhum mal está sendo feito. Afinal, parece que todos estão tendo um momento agradável. E, talvez, isso possa ser uma pista para nós. O que nos atrai não é necessariamente bom para nós.

Eu ouvi de pessoas próximas a Marshall em seus últimos anos que ele lamentava o fato de a CNV não estar produzindo a mudança social pela qual ele esperava. Talvez seja este o caso, quando a atração de muitas pessoas pela CNV está enraizada em um desejo de cura pessoal e auto-aprimoramento. Eu confesso que este foi, certamente, o meu caso. Marshall com frequência era visto como um homem que exemplificava o pai ou amigo ideal, assim como o respeitado professor sábio. Ele era como uma velha árvore na floresta para a qual você pode correr e contar seus segredos, sabendo que ela tem décadas a mais do que você de existência

e irá ouvi-lo e oferecer apoio, conforme você se encosta nela. Ele emanava uma combinação única e atraente de calma, acolhimento, discernimento, atenção, preocupação humana e profunda sabedoria.

Podia-se ser atraído a ele por um desejo de “cura” para a própria vida, assim como por um desejo de aprender com ele. E, talvez, algumas vezes este último propósito fosse eclipsado pelo primeiro. Compreensivelmente. Muitos de nós nunca foram vistos ou ouvidos de maneiras que nos serviriam melhor em nossas juventudes e isso teve um enorme custo, tanto pessoal quanto cultural.

A questão é que a cura pessoal raramente leva à cura cultural ou social, enquanto que a atenção dirigida em se estabelecer a saúde sócio-cultural tem uma grande chance de cuidar das condições que são, com frequência, as raízes do sofrimento pessoal.

Se o objetivo principal de uma pessoa ao aprender a CNV for aumentar as chances de ter suas necessidades atendidas, então, muito provavelmente, a mudança social no nível que Rosenberg imaginava não irá acontecer. Mesmo se uma pessoa for motivada pelo desejo de viver em um mundo no qual todas as necessidades de todas as pessoas foi totalmente valorizada, eu predigo que a mudança social que ele tinha em mente também será improvável.

Digo isso porque entender os mecanismos pelos quais a violência sistêmica e estrutural se perpetua requer uma grande quantidade de estudo, provavelmente mais do que a maioria de nós está disposta a se comprometer, a fim de começarmos a compreender e reconhecer seus modos furtivos de operarem. Isso não apenas requer tempo, mas também é doloroso. Como um celular não seria violento quando você descobre as realidades sobre como ele é feito, como ele impacta as relações e a cultura em seus breves 3 a 4 anos de vida, e como contribui com o aumento do lixo tóxico? Argh... quem quer saber essas coisas?

Em segundo lugar, o entendimento de cada pessoa e de cada cultura sobre o que significa ter suas necessidades totalmente valorizadas e atendidas é profundamente subjetivo, mesmo quando as necessidades são compreendidas como sendo universais. Por exemplo, seria desafiador pedir a uma pessoa que vive sozinha em uma casa de 200 m² e está bem feliz com isso que reconsidere suas escolhas, devido à questões urbanas relacionadas a abrigo, como o aumento de pessoas morando nas ruas, o custo exorbitante dos recursos naturais da terra e a pegada ecológica causada por essa opção de vida. Novamente, quem quer pensar nessas coisas? Quem quer saber o dano e a exploração que acontecem em outro lugar para que possamos desfrutar dos nossos confortos e conveniências em casa? Quem quer abrir mão daquilo com que já está acostumado? Sei que há pessoas que estão dispostas a diminuir seu impacto e usar menos recursos, mas elas ainda representam uma minoria.

Em terceiro lugar, e talvez mais importante, nossa terra não oferece sustento com base na satisfação das necessidades humanas. O mundo natural tem suas próprias regras e são elas que prevalecem, não importa o que os humanos decidam, precisem ou queiram. Nossa terra não precisa da vida humana para manter a vida. Nós, humanos, por outro lado, precisamos da terra para sobreviver... e precisamos que ela esteja saudável e vitalizada.

E, assim, qualquer esforço em direção a uma mudança social viável deve tornar a questão da saúde da terra central a seu entendimento do que significa viver bem e estar em uma relação real. Nossa relação com a terra e com a vida é recíproca e nós temos ignorado isso por muito tempo. “Uma organização que enriquece a vida é aquela na qual todo o trabalho nela, tudo o que cada trabalhador fizer, venha da visão de como isto irá apoiar a vida na forma de

necessidades satisfeitas – necessidades do planeta físico, das árvores, dos lagos, dos seres humanos e animais – e é claro que a vida será servida através da satisfação das necessidades. E é puramente essa a visão que inspira suas ações”. Marshall disse estas palavras em uma época na qual estávamos muito menos preocupados com a ameaça da mudança climática do que estamos agora. Suas palavras são mais importantes agora do que nunca.

As afirmações provocadoras de Rosenberg foram alertas importantes, e ainda são. Não é muito tarde, ao menos no que se refere a apreciarmos e honrarmos sua contribuição a este mundo, para buscarmos e corajosamente abordarmos os múltiplos modos pelos quais nós estamos, ignorantemente, nos tornando cúmplices da destruição do planeta e da morte incomensurável do espírito humano. Se pudermos dedicar mais atenção e esforço a uma orientação centrada na vida, ao invés de nos refugiarmos em uma visão pessoal, centrada no humano, é bem possível que algo do que Marshall sonhou se enraíze. Mas é necessário um solo fértil e alma para que isso aconteça. Precisamos desenvolver um gosto pelo risco e pela aventura, e reconhecer que nossa cura pessoal e coletiva provavelmente não será resultado de nossas necessidades serem atendidas, assim como compreendemos, mas um resultado de nosso desejo de colocar a saúde da vida, em si mesma, à frente de nossas agendas pessoais bem estabelecidas. Em outras palavras, não será confortável.

Podemos começar seguindo as recomendações de Rosenberg: questionar o status quo, questionar nossos sistemas de educação, ler os livros e autores que o inspiraram, nos engajar no tipo de pesquisa que ele mesmo fez ao escrever seu livro – religião comparada, filosofia oriental e ocidental, história, educação, antropologia cultural, para citar algumas. Podemos querer tirar uma folga dos confortos com os quais estamos acostumados, assim como ele fez quando abandonou a prática da psicoterapia por um período, para dirigir um táxi e repensar a vida. Afastarmo-nos dos confortos do status quo frequentemente abre nossos olhos para coisas que não veríamos de outra forma. Podemos querer nos tornar críticos sociais dos tempos em que vivemos. Podemos nos tornar contadores de história eloquentes, realmente fiéis a nosso tempo, fiéis à vida e ao espírito humano. Não é uma coisa fácil a se fazer, pois requer que nos afastemos do pessoal e testemunhemos o que vemos no tecido social coletivo, o que foi mais ou menos o que Marshall Rosenberg fez por décadas.

Finalmente, podemos retornar ao início deste artigo de tempos em tempos, para visitar suas palavras e nos tornarmos intimamente familiares às referências que ele fez. Para aqueles de nós que amam o que Marshall trouxe ao mundo, seria ao menos uma maneira poderosa de honrar seu trabalho e ajudar a levar à frente sua visão de mudança social. Ainda que não saibamos disso ao certo, algo me diz que ele apreciaria profundamente qualquer esforço que possamos empreender nesta direção.

Sinto saudades de você, querido Marshall. Que a visão que você tinha para o mundo ganhe um lugar sólido em nossas palavras e ações cotidianas, enquanto carregamos a tocha ardente que você acendeu.

Lucia Maria Nabão

Grata pela tradução, Angélica.

Vanessa Dinani Apocalypse

Muito grata @[100004055544552:2048:Angelica Rente] Angel!!

Vivian Apocallyps

Grata por reavivar a chama do trabalho que certamente temos pela frente.

Noemi Baptista

Obrigada pela tradução! 😊

Alessandra Antonia Rodrigues

Que Sagrado! Gratidão!

Flávia Crizanto

Obrigada por fazer chegar algo tão profundo e reflexivo até nós.

Write a comment...